



## **ARQUEOLOGIA E PALEOAMBIENTE NO PLANALTO SUL BRASILEIRO, MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DO CERRITO, SANTA CATARINA**

Raul Viana Novasco, Pedro Ignácio Schmitz, Suliano Ferrasso<sup>1</sup>

<sup>1</sup>*Instituto Anchietano de Pesquisas – UNISINOS*

Nos últimos 9 anos, a equipe do Instituto Anchietano de Pesquisas escavou mais de 20 estruturas associadas aos povos Jê Meridionais e, por meio destas, foi possível estabelecer um horizonte cronológico para a ocupação pré-colonial desse grupo no sul do Brasil, que se estende entre 2.640 AP e 320 AP. A cultura material obtida e mesmo as estruturas, com suas diferentes formas e funções, demonstram que, no decorrer destes 2.300 anos de ocupação ocorreram mudanças no arcabouço cultural destes povos. Sabe-se, a partir de estudos palinológicos, que nos últimos quatro milênios as características ambientais do planalto sul brasileiro também sofreram transformações, representadas, principalmente, por alterações climáticas e fitofisiográficas. A relação entre as variações ambientais verificadas e as mudanças identificadas na cultura material dos povos Jê é um dos aspectos que tem sido trabalhados nos últimos anos no âmbito deste projeto. Como resultado das interpretações por ora desenvolvidas, se constatou que, sobre um ambiente onde predominavam as savanas (entre 4300 e 1500 AP), esses grupos se estabeleceram e desenvolveram um modo de vida baseado na caça e na coleta. Com o desenvolvimento de florestas nos vales das principais redes de drenagem (entre 1400 e 1000 AP) estes povos mantêm o modo de vida pautado na caça e coleta, contudo, incrementam sua economia com o manejo dos recursos das florestas de araucária. Neste período, como resultado da estabilidade sazonal, surgem as casas subterrâneas. Entre 1000 e 600 AP se dá a expansão das florestas de araucária e, ao mesmo tempo, verifica-se o aumento significativo do tamanho das casas subterrâneas, o surgimento de estruturas rituais e a adoção da cerâmica, compondo um quadro de importantes modificações na estrutura social desses povos. A partir de 600 AP as casas subterrâneas voltam a ser menores e, com frequência, são geminadas ou agrupadas. Nesse período há significativo aumento na densidade de material cerâmico encontrado nas depressões que formam as casas e fora delas, apresentando, ainda, certa diversidade de formas, tamanhos e tratamentos de superfície. Os estudos paleoambientais não indicam a ocorrência de mudanças ambientais nesse período, o que faz crer que tais modificações refletem um re-arranjo cultural empreendido por estes grupos, que inclui a prática de cultivos.

Palavras-chave: Jê Meridional, Arqueologia e Paleoambiente; São José do Cerrito.

Agradecimentos: ao Instituto Anchietano de Pesquisas; à Universidade do Vale do Rio dos Sinos; à Paróquia de São Pedro, em São José do Cerrito; à CAPES.